

EDUCAÇÃO EM SAÚDE: O CONHECIMENTO COMO MEIO DE PREVENÇÃO DAS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS ENTRE ADOLESCENTES

BRIANCINI, Amanda Ebert¹

LODI, Luíze Marques²

MACHADO, Pedro Henrique³

MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata Madureira⁴

RESUMO

Este artigo aborda a relevância do conhecimento para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) entre adolescentes, considerando sua vulnerabilidade durante essa fase da vida. Estudos epidemiológicos destacam que 25% das DSTs são diagnosticadas em indivíduos com menos de 25 anos, tornando essencial uma abordagem educacional adequada. Analisando contextos diversos, como adolescentes em situação de rua no Ceará e universitários na Unicamp, observa-se que o conhecimento de mundo não necessariamente se traduz em práticas preventivas eficazes para as DSTs. Fatores de risco, como a falta de preservativos e múltiplos parceiros, são influenciados por questões de gênero e vivências sociais, por isso é se fazem necessárias intervenções educacionais sensíveis ao contexto cultural. Nesse sentido, a escola e a universidade surgem como espaços fundamentais para abordar a educação sexual, compensando lacunas deixadas pela falta de diálogo familiar. Conclui-se que a educação sexual desempenha um papel fundamental na prevenção de DSTs e promoção de saúde sexual, principalmente entre adolescentes, que são a faixa da população mais atingida.

PALAVRAS-CHAVE: Doenças sexualmente transmissíveis, Educação, Prevenção, Adolescentes.

1. INTRODUÇÃO

Estudos epidemiológicos nacionais demonstram que 25% das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) são diagnosticadas em indivíduos com menos de 25 anos de idade (LUNA *et al*, 2013). Sabe-se também que elas constituem a principal causa de doença aguda e morte no mundo, além de terem um elevado custo social e econômico (CASTRO *et al*, 2016).

A adolescência, uma fase da vida caracterizada por mudanças físicas, biológicas e sociais, propicia ao ser humano a busca por novas experiências e sensações. Contudo, essa fase traz consigo a impulsividade e uma maior propensão a assumir riscos, entre eles a exposição às DSTs. A educação sexual e reprodutiva tem como objetivo informar e esclarecer os adolescentes sobre a responsabilidade de cada indivíduo perante suas escolhas e sua saúde. A desinformação e falta de orientação escolar e familiar, expõe as pessoas à desinformação e resulta, como consequência, em maior vulnerabilidade a diversos problemas de saúde (OLIVEIRA; LANZA, 2018).

¹ Acadêmica do 7º período de Medicina do Centro Universitário FAG. E-mail: aebriancini@minha.fag.edu.br

² Acadêmica do 7º período de Medicina do Centro Universitário FAG. E-mail: lmloidi@minha.fag.edu.br

³ Acadêmico do 7º período de Medicina do Centro Universitário FAG. E-mail: phmachado1@minha.fag.edu.br

⁴ Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócios. Professor do Centro Universitário FAG. E-mail: eduardo@fag.edu.br

O objetivo deste trabalho é abordar o papel indispensável do conhecimento na prevenção das DSTs, e a necessidade de uma educação moldada para os valores culturais, contexto social, gênero e comportamentos da população-alvo (CASTRO *et al*, 2016).

2. DESENVOLVIMENTO

Uma pesquisa conduzida no estado do Ceará (LUNA *et al*, 2013) analisou o conhecimento sobre DSTs entre adolescentes em situação de rua, e concluiu que embora a maioria possua conhecimento, baseado no senso comum, sobre as doenças e sua principal maneira de transmissão – a relação sexual – têm dificuldade para aplicar os conhecimentos em seu cotidiano, e o risco de infecção não motiva a adoção de medidas preventivas adequadas.

Outro estudo realizado com universitários da Unicamp (CASTRO *et al*, 2016), revelou que 99% dos participantes que já haviam tido relações sexuais referiram já ter usado preservativos, entretanto, apenas 30,5% o fazem de maneira contínua e 20% utilizaram de maneira inadequada. Além disso, mais de 70% dos universitários, incluindo os graduandos em Medicina, admitiram ter dúvidas sobre o tema. Essas constatações, provenientes de dois grupos que vivenciam realidades sociais e culturais distintas, destacam a necessidade de intervenções que propiciem informação e conscientização a todos os jovens e adolescentes, com objetivo de prevenir a disseminação de DSTs e promover a saúde sexual.

Os principais fatores de risco para DSTs entre adolescentes incluem a ausência de preservativo nas relações sexuais e multiplicidade de parceiros, associados influenciados por questões de gênero e vivências sociais. Logo, é importante que as ações educacionais priorizem atos de promoção de saúde que levem em conta o gênero e o contexto cultural, social, histórico e suas relações intersubjetivas de trocas (CASTRO *et al*, 2016). Assim, compreende-se que a vulnerabilidade não está condicionada exclusivamente aos comportamentos de risco individuais, mas também aos fatores sociais, culturais, econômicos e políticos.

Dessa forma, nota-se que a escola e as universidades têm um papel fundamental, juntamente com os órgãos de saúde, em debater sobre educação sexual e detectar práticas que coloquem os adolescentes em risco, por meio de palestras, oficinas e rodas de conversa. As informações adquiridas dessas ações poderão ser posteriormente utilizadas para guiar programas educacionais e novas políticas de saúde pública destinadas aos adolescentes, ou até mesmo reformular políticas já existentes (COSTA *et al*, 2013).

Considerando que a maior incidência de AIDS está na faixa etária dos 20 anos, conclui-se que a soroconversão ocorre, majoritariamente, na adolescência (LIMA DE HOLANDA *et al*, 2010). O ambiente escolar/universitário representa um espaço social importante no que tange a promoção de saúde, afinal, os alunos passam grande parte do dia nesse local, sendo considerado o segundo espaço de maior importância para o desenvolvimento de educação sexual e de saúde, ficando atrás apenas do ambiente familiar (LIMA DE HOLANDA *et al*, 2010). Portanto, quando os pais não se dispõem ou não encontram meios de abordar o tema “sexualidade” com seus filhos, a escola e a universidade ganham maior responsabilidade sobre o assunto. Porém, conforme demonstrado em estudo realizado na cidade de Jandira-SP, a inexperiência e a insegurança dos mestres para abordar a temática ainda comprometem a educação sexual nas escolas e universidades (PEREIRA; ROBERTO; BRÊTAS., 2006). Abre-se então, uma janela de oportunidade para o tema ser abordado rotineiramente por profissionais da saúde, em consultas médicas de rotina do adolescente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, fica evidente a necessidade de uma educação sexual e reprodutiva para todos os jovens, tendo em vista que isso contribui para um elevado nível de contracepção, menor número de parceiros sexuais e consequentemente, diminui os riscos de DSTs e gravidez indesejadas (OLIVEIRA; LANZA, 2018). É importante que as intervenções realizadas para esses adolescentes estejam atreladas ao contexto cultural, social e familiar do adolescente, entendendo as particularidades e vulnerabilidades específicas de cada um (LUNA *et al*, 2013).

diante disso, percebe-se que a educação desempenha um papel fundamental na prevenção de DSTs entre adolescentes, fornecendo informações sobre sexualidade e a organizar um espaço de reflexões e questionamento sobre a importância da prevenção, mudanças corporais, identidade, relações interpessoais, autoestima, relações de gênero, tabus, crenças e valores a respeito de relacionamentos, comportamentos sexuais e DST (BRÊTAS *et al*, 2009).

REFERÊNCIAS

BRÊTAS, J. R. DA S. *et al*. Conhecimentos de adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis: subsídios para prevenção. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 22, p. 786–792, 1 dez. 2009.



CASTRO, E. L. DE et al. O conhecimento e o ensino sobre doenças sexualmente transmissíveis entre universitários. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 6, p. 1975–1984, jun. 2016.

COSTA, A.C.P.J. et al. Vulnerabilidade de adolescentes escolares às DST/HIV em imperatriz-Maranhão. **Rev. Gaúcha Enferm**, [s. l.], p. 179-186, 2013.

LIMA DE HOLANDA, M. et al. **O papel do professor na educação sexual de adolescentes**. [s.l.: s.n.], 2010.

LUNA, I. T. et al. Conhecimento e prevenção das doenças sexualmente transmissíveis entre os adolescentes em situação de rua. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 12, n. 2, 26 set. 2013.

OLIVEIRA, M. J. P. DE; LANZA, L. B. Educação em saúde: doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 20, n. 3, p. 138–141, 3 dez. 2018.

PEREIRA, D.; ROBERTO, J.; BRÊTAS, S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira -SP. **Revista Brasileira de Enfermagem REBEn**. [s.l.: s.n.], 2006.